



Visão Sistêmica de Jornalismo Literário sobre Meio Ambiente¹

SILVA, Francilene de Oliveira²

Resumo:

Este artigo representa parte de uma pesquisa levantada para o trabalho de conclusão de uma especialização em Jornalismo Literário. A idéia é versar sobre a aplicação da Teoria dos Sistemas – adaptada para o jornalismo pelo pesquisador Edvaldo Pereira Lima - nas matérias de jornalismo literário sobre meio ambiente em jornais impressos e revistas. Para isso, fiz uma revisão bibliográfica, entrevistas com pesquisadores e análise de matérias sobre o tema meio ambiente. A partir da análise do material concluí que uma abordagem transdisciplinar diminui o aspecto fragmentário das informações repassadas aos leitores.

Palavras-chave

Teoria dos Sistemas; Jornalismo Literário, Transdisciplinaridade, Meio Ambiente.

1- Introdução:

O pensamento sistêmico é uma forma de abordagem da realidade que surgiu no século XX em contraposição ao pensamento “reducionista mecanicista”, herdado dos filósofos da revolução científica do século XVIII como Descartes e Newton. O pensamento sistêmico não nega a racionalidade científica, mas acredita que ela não oferece parâmetros suficientes para o desenvolvimento humano, e por isso, deve ser desenvolvida conjuntamente com a subjetividade das artes e das diversas tradições espirituais. Resumindo, é uma visão do mundo integradora onde tudo está interligado.

O livro fundamental sobre o surgimento dessa teoria foi *General Systems Theory: Foundations, Development, Application*, escrito por Ludwig von Bertalanffy. O pesquisador da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP), Edvaldo Pereira Lima, resolveu relacioná-la com o jornalismo impresso no livro *El Periodismo Impreso y la Teoría General de los Sistemas – un modelo didáctico*. O autor escolheu seguir os caminhos propostos por Bertalanffy por causa, entre outras coisas, da proposta fundamental que sustenta a formulação teórico-sistêmica.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Aluna do Mestrado em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Graduada em Jornalismo pela UFPI com pós-graduação em Jornalismo Literário pela ABJL. E-mail: oliveirafrancilene@gmail.com



Ao trazer o enfoque sistêmico da ecologia para o jornalismo, Lima não apenas permitiu a abertura de novas possibilidades, como mostrou ser possível percorrer esse caminho. Ao mesmo tempo alertou para a necessidade de se ter atenção redobrada nessa travessia.

Dando continuidade, o pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Integração na América Latina (PROLAM) da USP, Eduardo Geraque, concluiu tese em 2006 sobre a aplicação da Teoria dos Sistemas em Jornalismo sobre Meio Ambiente. Ele fez um mergulho, via Teoria Geral dos Sistemas, nas coberturas feitas por jornais brasileiros e mexicanos sobre a poluição atmosférica. Um dos pontos de partida foi a transdisciplinaridade, onde todos os temas se entrelaçam mutuamente.

A transdisciplinaridade é o reconhecimento que não há espaço nem tempo culturais privilegiados que permitam julgar e hierarquizar – como mais corretos ou verdadeiros – complexos de explicações e de convivência com a realidade. A transdisciplinaridade é uma postura transcultural de respeito pelas diferenças; de solidariedade na satisfação das necessidades fundamentais, de busca de uma convivência harmoniosa com a natureza. (D'AMBROSIO, 1997).

Ainda segundo ele, a educação multicultural é a direção necessária que deve tomar o processo educativo para fazer face à complexidade de um mundo que se globaliza num ritmo crescente. Ele propõe uma sensibilização para motivar, suporte que dá instrumentos necessários e socialização, uma ação que resulta num fato, pois o conhecimento fragmentado dificilmente poderá dar a seus detentores a capacidade de reconhecer e enfrentar tantos problemas quanto situações novas que emerge de um mundo complexo onde acumulamos conhecimentos que crescem num ritmo incontrolável cada vez mais difícil de ser integrado.

2- Pensamento Sistêmico e Meio Ambiente

Atualmente um dos temas mais em voga na mídia é o meio ambiente e sua relação com o futuro da humanidade. Os cientistas gritam ao mundo que se não mudarmos nosso comportamento nos próximos dez anos o aquecimento global porá em risco nossa sobrevivência.

O documentário “Uma verdade inconveniente” (EUA, 2006) de Al Gore (político norte-americano que se tornou ativista ecológico) ganhou o Oscar na categoria



de melhor documentário em longa-metragem e o vídeo foi distribuído nas escolas da Espanha.

A revista *Época* mantém o blog do Planeta e o meio ambiente é pauta recorrente em suas páginas assim como na revista *Veja* e nos jornais brasileiros. Os meios de comunicação falam de consumo consciente, reciclagem e projetos sustentáveis. A mídia se voltou para o ecológico nesse começo de século XXI. E não é para menos. O mundo hoje produz nove bilhões de toneladas de gás carbônico (CO²) todos os anos. Para neutralizar toda essa emissão seria necessário plantar uma floresta amazônica a cada cinco anos. O IPCC (Painel Intergovernamental em Mudança do Clima) divulgou que o mundo estará três graus Celsius mais quente antes de terminar o século e a culpa é nossa, dos nossos carros que poluem o meio ambiente devido à queima de combustíveis fósseis e do consumismo exagerado. No entanto, surge uma pergunta. A mídia está cobrindo este assunto de forma sistêmica? Está contribuindo para essa mudança de mentalidade? O jornalista literário também está atento a isso?

No livro *Formação e Informação Ambiental* Regina Scharf, jornalista especializada em meio ambiente, diz que os profissionais da imprensa cotidiana, em geral, relutam em reconhecer a importância dos aspectos ambientais. Ainda são poucos os jornalistas que cobrem ‘meio ambiente’ de forma criativa e consequente, que enxergam, estudam e exploram as múltiplas conexões existentes entre a natureza e o mundo.

Tal deficiência se explica, em parte, por um erro histórico: achar que o meio ambiente só interessa a jovens românticos e idealistas. Por tradição ou preconceito, boa parte da imprensa trata a questão ambiental como algo superficial, espetacular, que atrai pelo que tem de belo ou destrutivo e não por seu impacto concreto: político, econômico ou social. O valor da natureza é puramente estético, idealizado. Nada mais. (VILAS BOAS, 2004)

A história se abre para a elaboração de um tipo de jornalismo que vai além da mera constatação do aprofundamento da agressão ambiental ao planeta e incorpora novos paradigmas civilizatórios na cobertura das crises ecológicas sem precedentes no campo das alterações climáticas e dos recursos hídricos.

3- Jornalismo Literário



O Jornalismo Literário é entendido neste trabalho como uma prática que busca o desenvolvimento, a contextualização e a compreensão da realidade. Suas características são parecidas com as implementadas no movimento New Jornalismo que aconteceu nos Estados Unidos na década de 60 como define Tom Wolfe: construção cena-a-cena recorrendo o mínimo possível a mera narrativa histórica, registro de diálogo completo no momento em que ocorreram, apresentação de cada cena ao leitor por intermédio dos olhos de um personagem em particular e registro de gestos, hábitos, maneiras e costumes.

O Jornalismo Literário deve expressar a variada produção de organizações sociais que elaboram um verdadeiro projeto de mundo com alternativas locais para superar a crise em larga escala. O tempo impõe questões de caráter complexo e contraditório e este jornalismo para o desenvolvimento tem a função de interpretar este mundo, não apenas olhando para pontos específicos, mas fazendo as relações necessárias. Configura-se ainda, um papel de estabelecer a contrariedade da imprensa nos processos contemporâneos da sociedade, tendo como desafio o ordenamento da informação disponível para proporcionar a reflexão. Não é mais uma lógica de local para local, mas de local para global, fruto também do advento e disseminação das tecnologias aplicadas à comunicação e dos novos suportes midiáticos para a informação.

Fritjof Capra diz que todos esses problemas pelos quais passa a humanidade são facetas diferentes de uma só crise, que é essencialmente uma crise de percepção. Tal como a crise da Física na década de 20, ela deriva do fato de estarmos tentando aplicar os conceitos de uma visão de mundo obsoleta a uma realidade que já não pode ser entendida em função destes conceitos.

Vivemos hoje num mundo globalmente interligado, no qual os fenômenos biológicos, psicológicos, ambientais e sociais são todos interdependentes. Para descrever este mundo apropriadamente, necessitamos de uma perspectiva ecológica que a visão de mundo cartesiana não nos oferece... Precisamos de uma mudança fundamental em nossos pensamentos, percepções e valores. (CAPRA, 1996)

Como indivíduos, como sociedade, como civilização e ecossistema planetário, estamos chegando a um momento decisivo. Essas transformações não devem ser evitadas nem detidas, pelo contrário, devem ser bem recebidas, pois são a única saída para que se evitem a angústia e o colapso. O Jornalismo Literário tem uma grande responsabilidade a cumprir usando o pensamento sistêmico porque as pessoas comuns conhecem a história do mundo através dos meios de comunicação. Vivemos em um



mundo de tantas culturas que somente um grupo reduzido de especialistas é capaz de entender e apreender algo do que está passando.

O criador do pensamento sistêmico propõe um reforço à estrutura de comunicação e uma democratização do acesso aos veículos e à informação. A atuação dos jornalistas também requer revisão, para poder atuar neste novo sistema.

Isso significa também que os jornalistas deverão mudar, e seu modo de pensar, fragmentário, deverá ser holístico, desenvolvendo uma nova ética profissional baseada na consciência social e ecológica. Em vez de se concentrar em apresentações sensacionalistas de acontecimentos aberrantes, violentos e destrutivos, repórteres e editores terão de analisar os padrões sociais e culturais complexos que formam o contexto desses acontecimentos, assim como noticiar as atividades pacíficas, construtivas e integrativas que ocorrem em nossa cultura. Prova de que este tipo maduro de jornalismo é socialmente benéfico e pode ser também um bom negócio para o número crescente de veículos alternativos de informação que promovem novos valores e estilos de vida. (CAPRA, 1982)

Este tipo maduro de jornalismo é denominado por Dante Moreira Leite de pensamento produtivo. Para ele, pode-se falar em processo criador sempre que ocorre o aparecimento de uma nova solução para um problema anterior, ou sempre que se consiga realizar uma expressão aceitável para outros indivíduos.

É preciso não apenas mostrar os dados caóticos sobre meio-ambiente gerando sensação de impotência e de que nada resta a ser feito. Temos que inventar novas soluções e agir, pois é freqüente que o escritor (jornalista) exerça influência significativa na sociedade em que vive.

O impacto no leitor começa pela percepção do problema entendido como um processo de estímulo. No entanto, para se propor idéias revolucionárias e inovadoras é preciso ter uma visão panorâmica e ampliada ainda mais quando de trata de meio ambiente, pois:

Existe uma relação entre todos os elementos e constituintes da sociedade. Os fatores essenciais dos problemas públicos, dos programas e questões a adotar devem sempre ser considerados e avaliados como componentes interdependentes de um sistema total. (BERTALANFFY, 1977).

4- Análises: alguns exemplos

Para o pesquisador Eduardo Geraque uma matéria é sistêmica quando apresenta aspectos sociais, científicos, filosóficos e culturais em contraponto com a visão de mundo do jornalista sobre sociedade, natureza e universo.



Esses textos são difíceis de encontrar, mas acredito que isso passa por uma mudança de mentalidade e de visão de mundo, que é adquirida no dia-a-dia. Precisamos treinar nossa visão de mundo e ter o desafio de manter a mente aberta, costurar os ciclos. Precisamos do foco local para global (Geraque, em entrevista, 2007)

Geraque escreveu matéria no dia 21 de janeiro de 2007 no caderno + **Ciência** do jornal Folha de São Paulo sobre o biodiesel. A matéria intitulada “Embriaguez bioenergética” discute este impacto em vários patamares desde o avanço da soja sobre florestas, concentração de terras, os impactos regionais e internacionais. O biodiesel resolve alguns problemas ambientais e o Brasil está na frente dessa corrida, no entanto pode acarretar outros problemas mencionados no texto. Apesar de a matéria não ser literária, é essencialmente sistêmica.

Outro texto sistêmico e que dessa vez apresenta características literárias devido à imersão do repórter, a profundidade e a humanização de alguns personagens é a reportagem especial de Cláudio Cerri “Um rio a procura de um país” da revista Globo rural do mês de outubro de 2001 que ganhou o prêmio FNPI (Fundación para um Nuevo Periodismo Ibero-americano). O texto mostra o rio de forma sistêmica, pois dele deriva vidas de milhares de pessoas influenciando aspectos sociais, históricos, religiosos e culturais. Primeiro, mostra o São Francisco como uma identidade nacional “uma palavra cada vez mais esquiva e que para muitos já soa quase como um estorvo: identidade; por mais que a ocultemos, ela continua a martelar dentro de nós”.

O São Francisco é também o das memórias. “O boi foi a conveniência que uniu a geografia à economia na ocupação do São Francisco... Era abril de 1952. A boiada de 800 cabeças partiu da invernada de Sirga, na beira do São Francisco, tão logo encerrou a bênção dos vaqueiros na capelinha do povoado”.

A visão sistêmica vem também da liberdade ferida, pois o São Francisco representa 25% da área represada por hidrelétricas no país, passa também pela música de viola improvisada pelos vaqueiros locais, por histórias de negros que fizeram fortuna na margem do São Francisco e nas danças religiosas, cantigas de devoção, festas e romarias que formam as águas do velho Chico, ou seja, um assunto não acaba em si mesmo, ele depende de outro e mais outro formando uma rede que se liga harmonicamente. Todos os assuntos têm a ver com outros em vários aspectos.

No campo do mundo vivo há ainda outra experiência bastante interessante entre meio ambiente e Jornalismo Literário (Avançado) apresentado na obra *Econautas* –



Ecologia e Jornalismo Literário Avançado. Os textos apresentam grande riqueza de informações. Do conteúdo à forma. Os exercícios práticos disponíveis na obra são inspiradores para qualquer um que pretenda enfrentar o desafio epistemológico da complexidade.

Mesmo com os vários exemplos de profundidade que saem dos livros de reportagem sobre o meio ambiente, ou da inovação possível de ser desenvolvida na internet, uma forte ressalva se faz necessária neste ponto, pois a visão sistêmica precisa ser treinada e devidamente relacionada, não basta reunir informações. O jornalista tem que criar sentidos novos para o leitor, deve beber em várias fontes, conviver com a complexidade da contextualização, humanização, ter “cheiro de rua”, mais precisamente. A função, principal aqui é olhar para o todo sem cortar ou reduzir, mas encontrar soluções. A chave da questão é enfrentar a complexidade.

5- Perspectivas para um Jornalismo Ambiental mais consciente

Os fatos expostos levam a crê que os jornalistas têm uma grande responsabilidade para com o mundo e o futuro da humanidade. Não adianta o Meio Ambiente está sendo cada vez mais abordado pela mídia (Isso ainda não quer dizer muito), porque ocorre de forma fragmentária como se este tema não se relacionasse com nenhum outro.

O papel da comunicação é causar um impacto no leitor no sentido de uma tomada de consciência e de visão de mundo mais complexa, de acordo com nossas vivências. O Jornalismo Literário é um grande parceiro nesta tarefa porque acima de tudo se preocupa com as pessoas, com a compreensão dos fatos e em aprofundar o assunto. Um dos pontos de partidas é pautar temas produtivos, mostrar o que está sendo feito de bom no mundo em todas as áreas. Acreditem: não existem apenas miséria, guerras, assassinatos, dor, depressão, também há pessoas caridosas, idéias inovadoras nas mais diversas áreas do conhecimento, policiais honestos, superação de preconceitos, pessoas que dão à vida por outras, respeito. O mundo é tão complexo como o homem porque eles se fazem e se transformam ao mesmo tempo, ambos complexos, bons e maus.



Referências bibliográficas

BERTALANFFY, Ludwig von. **Teoria Geral dos Sistemas**. Petrópolis: Vozes, 1977.

BOAS, Sergio Vilas (organizador). **Ambiental, jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus Editorial, 2004.

BOAS, Sergio Vilas (organizador). **Formação e Informação Científica: jornalismo para iniciados e leigos**. São Paulo: Summus Editorial, 2005.

BORGES, Maria Luisa (organizadora). **Observando o Tietê**. São Paulo: Fundação SOS Mata Atlântica - Núcleo União Pró-Tietê, .

CAPRA, Fritjof. **O ponto de Mutação**. São Paulo: Editora Cultrix, 1982.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

CERRI, Cláudio. Um rio a procura de um país. **Globo Rural**. Rio de Janeiro: Out. 2001. Suplemento.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **Transdisciplinaridade**. São Paulo: Palas Athena, 1997.

DANTE, Moreira Leite. **Psicologia e Literatura**. São Paulo: Editora Unesp (HUCITEC), 1987.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas, 1999.

GERAQUE, Eduardo. Embriaguez Bioenergética. **Folha de São Paulo**. 21 jan. 2007, Caderno + Ciência. São Paulo. Suplemento.

GERAQUE, Eduardo. **Reportagens atravessadas: Um mergulho, via Teoria Geral dos Sistemas, na cobertura da poluição atmosférica feita por jornais brasileiros e mexicanos**. 2006. 243 f. Dissertação (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Integração na América Latina (PROLAM) da Universidade de São Paulo.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Econautas – ecologia e jornalismo literário avançado**. Canoas, ULBRA, 1996.

_____. **El periodismo impreso y la teoría general de los sistemas: un modelo didáctico**. Cidade do México: Trillas, 1991.



WOLFE, Tom. **Radical Chic: o novo jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.